

**35° ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS  
Caxambu, MG. 2011.**

**GT 09. ESPORTE E SOCIEDADE**

**Título do trabalho:**

**Formas (diferentes) de ser mulher:  
subjetividades corporificadas de participantes femininas dos  
esportes eqüestres no Brasil e na Espanha**

**Autora: Miriam Adelman, Universidade Federal do  
Paraná.(UFPR) [miriamad@ufpr.br](mailto:miriamad@ufpr.br)**

## Resumo:

Desde os anos noventa, e com um olhar histórico e sociológico que se apóia fundamentalmente na teoria feminista contemporânea e os estudos culturais, venho estudando a participação feminina em diversas modalidades dos esportes eqüestres no Brasil. Realizei trabalho etnográfico em três âmbitos com características culturais e sociais diferentes: o mundo elitizado do “hipismo clássico”, o trabalho (assalariado) das jóqueis que lutam para cavar um nicho no difícil ambiente masculino do turfe, e a inserção de uma nova geração de mulheres “anti-prendas” (me apropriando do termo cunhado por Guacira Lopes Louro) nas provas campeiras dos rodeios dos CTGs. Mais recentemente, passei vários meses em Espanha pesquisando a participação feminina no mundo eqüestre nesse país, visando a construção de um olhar comparativo sobre corpo, cultura, esporte e “construções da feminilidade”. Este paper discute as semelhanças e diferenças que descobri entre amazonas/cavaleiras no Brasil e na Espanha, destacando que em ambos casos, é possível identificar uma construção de subjetividades/corporalidades que se afastam de normas históricas convencionais de “feminilidade”.

## TEORIZANDO CORPORALIDADES/SUBJETIVIDADES FEMININAS.<sup>1</sup>

Becoming ‘woman’ is something women *do* rather than something women *are*: it is always in part a charade or a masquerade.  
- Jane Usher

A corporalidade, como argumentei noutra lugar (ADELMAN and RUGGI, 2008), deve ser pensado como um dos elementos centrais da construção contemporânea de identidades e subjetividades. Embora a sociologia clássica não tenha focalizado “a questão do corpo”, perspectivas contemporâneas – nutridas pelos avanços teóricos de Foucault e o feminismo, entre outros - nos fornecem uma nova linguagem para pensar e falar sobre como o corpo se constrói através de relações sociais de poder (de classe, raça, e gênero, etc.) de tal maneira que não só reproduzem senão contestam ou modificam as mesmas.

Uma rica literatura feminista que discute estas batalhas culturais sobre os sentidos de “ser mulher” vem se consolidando durante as últimas décadas. Estudiosas feministas como Judith Butler (1990) e Susan Bordo (1994; 1997) iluminam os processos que constroem sujeitos (hetero)normativamente corporificados. Butler desenvolve uma abordagem pós-estruturalista na qual o gênero é encenado (*performed*) de formas culturalmente inteligíveis que fornecem ou negam uma existência social reconhecida às pessoas. Bordo, assumindo

---

<sup>1</sup> Meus mais profundos agradecimentos a tod@s que me acolheram na Catalunha e na Andaluzia, nas diversas instâncias institucionais (UB, INEF, ECAE, REAEE) e cotidianas da minha pesquisa. Cabe mencionar, em especial, a Serena Jimenez, Francisco Reina e tod@s que me abriram as portas e me acolheram com toda generosidade, em Jerez de la Fronteira, na Real Escuela Andaluza de Arte Eqüestre. Agradeço também a Gabriela Becker, graduada em ciências sociais, UFPR, por toda sua generosa e inteligência participação na

uma relação conflituosa (tensa, produtiva) com a perspectiva e conceitos de Butler argumenta que tanto fôlego desconstrutivo pode obscurecer o fato que as mulheres continuam ligadas a (e em grande parte cúmplices de) a reprodução da feminilidade como uma “estética da limitação”. Bordo examina formas específicas de operação de códigos e normas de comportamento e postura corporal que agem sobre as mulheres, incluindo a padronização extrema de tamanho, formas e imagem corporais, enquanto Butler enfatiza, entre outras coisas, as possibilidades de sua interrupção subversiva.

Uma outra teórica que inicia a análise crítica das formas de representar às mulheres, desde dentro, fora e na contramão da cultura patriarcal, incorporando uma preocupação sobre como formas de representação vinculam-se à corporificação, é a italiana, Teresa de Lauretis (1987). Ela se apropria do conceito foucaultiano de “tecnologias do eu” para acrescentar a este suas dimensões generificadas, apontando que “...*technologies of self, which act upon an embodied subject, are also technologies of gender.. that is, technologies that produce subjects who are women and men (who should therefore perform in correspondingly feminine and masculine ways)*” [apud ADELMAN and RUGGI, 2008, p.557]. Tratam-se de formas *corporificadas* de ser que tendem a se fazer em correspondência com normas hegemônicas, levantando a questão da possibilidade de formas de transgressão ou contestação.

O trabalho da estudiosa australiana Jane Ussher também fornece subsídios conceituais para “operacionalizar” pesquisa na área de subjetividades/corporalidades de mulheres. A contribuição desta autora oferece alguns instrumentos teórico-metodológicos para pensar sobre *scripts*, performances e experiências de gênero, e como estes elementos convergem ou divergem. Ela se remete tanto à obra psicanalítica clássica de Joan Riviere como à discussão contemporânea marcada pela obra de Judith Butler, com seu conceito de gênero como um tipo particular *performance* que tende a reproduzir, mas pode também transgredir e subverter normas que nos tornam “mulheres” e “homens”. Embora se trate de construções fluidas, o gênero não tem pouco peso na vida das pessoas, e faz – como nas abordagens sobre gênero como a de Lynne Segal (1999) que incorpora, além do *performance*, uma dimensão psíquica profunda – parte fundamental de nossa noção do *eu* ( um “*core*” e/ou

---

pesquisa realizada entre 2010 e 2011, sobre a participação das mulheres nas provas de laço dos rodeios de CTGs brasileiros.

*sense of self*). São por tanto, modos em que nos tornamos “inteligíveis” – para nós mesm@s e para @s outr@s; representam também formas de estruturar sentimentos, fantasias e práticas. São o que chamarei aqui de formas de vir a ser mulher, modos de ser mulher, que são, como Ussher e Butler diriam, formas de *fazer gênero*: formas reflexivas e espontâneas, conscientes e inconscientes, arraigadas e negociadas, e estratégias de fazer-se e compreender-se, dentro de um contexto de relações sociais e culturais. Ussher explicita,

... representations of femininity and masculinity play a central role in the formation of the subjectivity and sexuality of women and men. We understand ourselves as ‘women’ or ‘men’ in relation to the social representations of what it means to be so, in relation to historically and culturally specific definitions and constructions of femininity and masculinity. Our knowledge about these constructions is not inborn or inbuilt. We continuously learn and rehearse what it is to be a ‘woman’ or a ‘man’ in a process of negotiating these symbolic representations of femininity, masculinity and sexuality. (p. 347).

Em seguida, a autora retoma algumas discussões que têm sido uma parte importante dos estudos feministas, enquanto examina como as mulheres têm sido [vistas como] *o sexo* nas práticas patriarcais e o olhar masculino. Tecnologias de gênero pré-modernas e modernas procuraram construir as mulheres discursiva e praticamente como determinado tipo de corpo (mães, objetos de troca, etc.), gerando pesado impacto sobre a subjetividade individual das mulheres assim como sobre o imaginário social e cultural. Mas os discursos são sempre filtrados pela experiência das pessoas, e as práticas sociais tem plasticidade,

Becoming ‘woman’ is something women *do* rather than something women *are*: it is always at least in part a charade or a masquerade... Women have to find a fit between what they want (Freud’s now infamous question) and what they are supposed to be. Whilst the meaning of what it is to be ‘woman’ is always situated in a particular cultural milieu, with representations of femininity providing the boundaries of normality and acceptable performance, personal development, the impact of previous experiences and a changing social or familial context can precipitate a move to a new identificatory site. This will be influenced by conscious and unconscious psychological factors, by a woman’s age and stage of life, by her relationships with other women and men and the reactions of others to the scripts she adopts”. (p. 355)

Portanto, metodologicamente, devemos tanto separar quanto estabelecer vínculos entre os discursos culturais que representam mulheres (e homens) simbolicamente e as experiências que as pessoas vivem cotidianamente (onde estes discursos são apenas um elemento entre outros). Isto significa detectar as formas em que mulheres negociam as “fantasias da feminilidade” que são culturalmente hegemônicas, reproduzindo e/ou reinventando seus *scripts*. Significa também indagar se há modelos ou discursos alternativos fortes que circulam e como as mulheres podem ou se dispõem a apropriar destes últimos no seu próprio processo de *construção do eu*. Ussher insiste que as mulheres não sejam vistas

como passivas e enganadas, senão como seres totalmente competentes na arte de negociar “as fantasias de feminilidade que atualmente dominam o mundo da representação simbólica e, no processo, agir de tal maneira que a própria noção do que significa ‘ser mulher’ adquira novo marco de referência”. (p. 352).

Enfatizando a resistência por cima da resignação, Ussher identifica três dimensões/modos diferentes de resistência. Uma refere-se às formas em que as “mulheres que resistem o controle (patriarcal) material”. Mas percebemos que o material e o simbólico se juntam; às mulheres lhes foi historicamente negado o acesso aos recursos que lhes permitiriam um controle sobre seus corpos e suas vidas e uma das principais formas deste controle é “discursivo”, ou seja, a construção de mitos que impõem conclusões sobre todo aquilo que as mulheres “não são capazes de fazer”. Assim – e fundamental para a pesquisa que eu realizo - mulheres como as trabalhadoras e as atletas que desenvolvem e demonstram suas competências físicas em arenas previamente restringidas aos homens, lutam efetivamente (conscientemente ou não) para resgatar formas de controle (patriarcal) dos homens e/ou das instituições que historicamente as detinham, impactando sobre práticas e discursos.

A segunda dimensão de resistência discutida por Ussher remete-se a algumas das *principais formas* em que as mulheres negociam a feminilidade ou “o próprio sentido de ser mulher”, p. 355): desde as formas mais convencionais de incorporar os scripts da feminilidade, o que ela chama de “*being girl*”<sup>2</sup> até um performance mais estratégico “*doing girl*” (“... ela conhece a fragilidade da fachada da feminilidade e sabe que *doing girl* significa assumir um papel ...” p. 359) até finalmente, *resisting girl*. Nesta última relação, “aquilo que é tradicionalmente significado como ‘a feminilidade’ é constantemente ignorado ou negado (e frequentemente, ridicularizado) – a necessidade de disciplinamento corporal, a inevitabilidade da adoção de uma máscara de beleza e de engodo feminino sedutor... as regras rígidas que se estabelecem dentro dos scripts falocêntricos do romance feminino e heterossexual ... se resistem ...” (p. 363).

---

<sup>2</sup> “... the archetypal position of ‘woman’, the position taken up when a woman wants to *be* rather than merely *do* femininity... Beauty, goodness and the ability to attract the admiration of men are the key attributes of being girl. This is the script of femininity found in romantic fiction and fifties Hollywood films, the script every good girl ought to follow. In order to be girl, the body must be worked on, moulded and skillfully transformed from base matter into beauty (magazines and cosmetic companies tell us how). Any

Finalmente, nas suas conclusões sobre como “re-enquadrar a feminilidade, reenquadrar o sexo” (“*reframing femininity, reframing sex*”) Ussher assinala que “poucas mulheres obedecem completamente as restrições que acompanham o script feminino tradicional.” (p. 369) As negociações são extremamente complexas e contextuais e “sempre arraigadas na tensão e ressonância entre as influências psicológicas e culturais” (p.370). E ainda desde uma perspectiva mais especificamente sociológica, poderíamos acrescentar outras “influências”, vinculadas ao capital social e cultural que se tem e às oportunidades que os mesmos tendem a fornecer, encorajar ou negar.

À continuação, Ussher nos lembra que formas de negociação não precisam restringir-se às quatro posições que ela mapeia, as quais representariam apenas a tentativa de uma estudiosa de encontrar um caminho. Ela levanta dúvidas sobre o que vem mudando nas últimas décadas e acrescenta que muitos aspectos daquilo que na sua juventude representavam subversões de um *script* feminino muito restritivo são agora elementos tomados por óbvio [naturalizados] da vida das mulheres que mal podem considerar-se subversivas: “recusar-se a ser a mulherzinha do lar, o desejo de uma vida independente ou o desejo de ter uma profissão e poder fazer para si uma vida que não se centra nas atenções ou aprovação de um homem” (p. 370). Ela talvez seja excessivamente otimista na sua avaliação, pois muitos dos elementos que ela menciona continuam carregando peso dentro de um cenário em que as mulheres vivem suas vidas e suas negociações com os homens e mulheres que as rodeiam, embora estes elementos entrem mais sub-repticiamente através de caminhos ocultos ou inconscientes. Dentro de um novo contexto histórico, onde já não há uma separação forte entre o público e o privado para orientar comportamentos, nem regras pouco ambíguas para guiar e regular os corpos e as práticas corporais, as muitas possibilidades que as mulheres têm hoje de ser/se fazer, assim como as formas mais encobertas das normas agirem, devem produzir inúmeras possibilidades de confusão e conflito.

A pesquisa que aqui apresento procura indagar traz à tona construções do eu – construções corporificadas – de mulheres envolvidas no mundo equestre, um mundo fértil

---

imperfections must be eradicated or disguised. If all goes to plan and a man is attracted and kept, life is ‘happy ever after’. If not, misery may result.” (Ussher, op.cit. p.356)

para a construção de culturas esportivas femininas<sup>3</sup>, a seu vez um espaço particular de empoderamento (uma hipótese minha, já colocada e examinada à luz de muitos anos de pesquisa; cf. Adelman 2010; 2006; 2003). Principalmente nas suas práticas, e por vezes, nos seus discursos, muitas mulheres do mundo eqüestre vêm trabalhando para expandir o horizonte de “tecnologias de gênero” convencionais e as subjetividades corporificadas que se vinculam a elas. Menos preocupadas com a subversão da “feminilidade convencional” do que impulsionadas por desejos e objetivos próprios, as amazonas e cavaleiras desta pesquisa encaram o desafio de desenvolver atitudes e competências físicas particulares que parecem, por definição, situá-las a uma certa distância das estratégias de “*being/doing girl*” que Ussher identifica. Portanto também, a questão metodológica de como a personalidade e história singular de cada indivíduo se encontra com caminhos/opções socialmente disponíveis vem à tona, marcando nossa inserção em debates da sociologia contemporânea sobre “estruturas”/ instituições e posições de sujeito.

### ***Mulheres atletas em estudos comparados: amazonas no Brasil e na Espanha.***

A despeito das pressões normativas persistentes, os espaços onde se produzem e constroem identidades e corpos permitem trânsitos e configurações diversas. Práticas corporais como as que pertencem ao mundo do esporte podem promover formas de autonomia, competência, empoderamento e afirmação de diferenças para mulheres. Existe hoje um amplo *corpus* de literatura internacional sobre gênero e esporte (CAHN, 1994; FESTLE, 1996; HARGREAVES, 1994), que põe em evidência tensões e contradições da política de gênero dentro do mundo esportivo. Disputas simbólicas e práticas em torno de questões de gênero se tornam um componente importante das atividades esportivas nos níveis amador e profissional, colocando para nós uma ampla gama de problemas, dentre estes, os que dizem respeito à ocupação de posições-chaves dentro das instituições esportivas, a alocação diferenciada de recursos entre homens e mulheres esportistas e as formas de representação midiática de uns e outr@s. Sabemos, por exemplo, que na grande maioria dos esportes, a competição continua segregada por sexo, fenômeno que rara vez é

---

<sup>3</sup> A literatura de várias partes do mundo já documenta esta “feminização” da cultura e prática eqüestres ao redor do globo. Veja por exemplo Midkiff (2001) sobre os Estados Unidos, Lagier (2009) sobre França e Hedenborg (2009) e Grieff (2009) sobre a Suécia.

questionado e quase sempre naturalizado, reforçando noções latentes de superioridade masculina. Em decorrência disto, de tempos em tempos determinadas atletas se tornam objeto de atenção midiática internacional por ter sua “feminilidade” – e portanto, seu direito de participar na arena protegida do “esporte feminino” – questionado, como no caso bem conhecido da atleta sul-africana Caster Semenya. Nestes casos, o mundo esportivo se revela não só cúmplice da produção sócio-cultural de regras, códigos e espaços altamente diferenciados para mulheres e homens, senão grande praticante de policiamento de fronteiras e transgressões. Ainda mais, embora não exista arena nenhuma de prática esportiva onde a presença das mulheres seja totalmente barrada, determinados esportes continuam sendo considerados como “masculinos demais” para as mulheres, ou suficientemente “masculinizantes” para exigir que as mulheres que participam deles dêem provas cotidianas da sua feminilidade.

Como único terreno esportivo no qual, nos níveis amador e profissional, uma boa porção da competição organizada não esteja segregada por sexo, os esportes eqüestres representam uma oportunidade singular para observar o avanço da equidade de gênero no mundo esportivo, assim como algumas de suas contradições persistentes.<sup>4</sup> Há uma longa história de participação feminina nos esportes e atividades eqüestres (BURKE, 1997; LeCOMPTE, 1993; LAGIER, 2009) e meu próprio trabalho em três meios do mundo eqüestre demonstra (ADELMAN, 2010), há também porque sustentar que o engajamento de mulheres no mundo eqüestre produz e sustenta construções de identidade/subjetividade/corporalidade relativamente *sui generis*, onde a feminilidade normativa passa a ser, muito freqüentemente, ignorada, desafiada ou burlada<sup>5</sup>. Por outro

---

<sup>4</sup> No Brasil, embora a maior parte das competições de salto são mistas, mas organizam-se também concursos específicos para as amazonas, política explicada como incentivadora da participação feminina no meio. Por outro lado, no mundo do rodeio campeiro, a participação feminina parece ter iniciado com mulheres participando dentro de competições inauguradas como masculinas e separada deles a partir do momento em que o contingente feminino cresce, anos 2000.

<sup>5</sup> Em trabalho recente resumindo mais de dez anos de pesquisa no meio eqüestre (Adelman, 2010), eu tento mostrar algumas das formas nas quais mulheres envolvidas em diferentes modalidades esportivas constroem discursos sobre o corpo, a subjetividade e a identidade que representam um desafio às “tecnologias de gênero” convencionais, desenfazendo noções históricas de corpos femininos delicados, maternais ou de outra forma “controláveis” e enfatizando elementos como força e coragem para encarar o risco e a aventura – de formas que me parecem suficientemente radicais para representar um desafio às noções “hegemônicas” de ser mulher. As diferenças entre uma modalidade e outra, porém, são “sociologicamente significativas”. Por exemplo, as jovens que lutavam para cavar um nicho no meio ainda muito masculino do turfê muitas vezes demonstravam insegurança relativo à sua inserção, incluindo grande susceptibilidade à vontade dos homens que controlavam o dia-a-dia e as possibilidades de avance na carreira. As mulheres elitizadas do meio do



lado, como qualquer outro campo da prática esportiva e social, uma perspectiva interseccional contribui muito para evitar a “romantização” do objeto e identificar melhor a confluência de fatores que favorecem (ou não) a autonomia e empoderamento de mulheres que dele participam. Assim, vale apontar que as mulheres têm acesso muito maior a avenidas de ascensão profissional e esportiva em alguns campos da prática eqüestre do que em outros ( mais, por exemplo, no hipismo clássico do que como jockeys); o avanço das mulheres tende a variar em função das configurações específicas de cada campo (por exemplo, do fato dos jockeys serem trabalhadores assalariados, o hipismo ter traços fortemente elitistas ou o rodeio manter um vínculo com a lida no campo) e o contexto cultural (o fato do hipismo, por exemplo, ser muito mais “feminilizado” na Suécia ou nos EUA do que no Brasil<sup>6</sup>).

Foi precisamente em função do meu interesse na possibilidade de comparação de contextos culturais que propus, como projeto de pós-doutoramento, pesquisa sobre o meio eqüestre espanhol. No intuito de partir de conhecimento sobre a história e cultura recente de ambos países, Brasil e Espanha, focalizei inicialmente os processos de re-democratização em ambos países, e especificamente o papel, em cada caso, dos movimentos feministas e outros pertinentes para o questionamento social e político da

---

hipismo clássico, em contraste (e aparentemente variando pouco em função da idade), demonstravam ter um grande prazer em desafiar abertamente certos aspectos das atitudes pré-conceituosas ou sexistas que elas identificavam como parte da cultura – mais a cultura “geral” do que a do meio hípico especificamente. Elas gostavam de marcar sua própria “diferença” em termos de uma coragem e independência de espírito que as afastavam dos “padrões”. As mulheres do rodeio campeiro, por outro lado, pertencem a uma verdadeira onda de inserção feminina num meio anteriormente bastante fechado à sua participação. Interessantemente, no caso do Movimento Tradicionalista Gaúcho, notamos uma atitude muito consciente de abertura para as mulheres, que lhes dá as boas vindas enquanto negocia sua participação, simbolicamente, para que a mesma não extrapole aquilo que pode caber dentro do papel “da prenda”. Contudo, estas “vaqueiras” não parecem aceitar definições que as inferiorizam, e constroem identidades com o meio que prioriza também a atuação nas provas e a competência em relação às práticas eqüestres.

<sup>6</sup> Lembro de uma conversa que tive, anos atrás, com uma amazona e veterinária brasileira que tinha trabalhado com equipes internacionais de salto. Nessa ocasião, ela contrastou a noção que ainda prevalece no Brasil, que enxerga a competência no salto como algo que realça a masculinidades com uma tradição cultural norte-americana na qual qualquer tipo de equitação clássica pode trazer suspeita ou estigma de “feminilização”. Ela explicava isso em decorrência do fato de um membro reconhecido do time de salto dos EUA ser gay e morar com seu companheiro, também cavaleiro de salto – e a relação disto com a noção cultural e histórica de que “*real men ride western*”. Outro exemplo de formas de significar determinadas atividades eqüestres como mais femininas ou masculinas pode ser encontrado nas atitudes diferentes que existem em relação à mesma modalidade – o *adestramento*, no Brasil, ou *doma clássica*, na Espanha, sendo que no Brasil é significada como feminina, enquanto na Espanha, pela sua associação com a “*doma espanhola*”- fusão da clássica com a tradição antiga da “*doma vaquera*”- parece capaz de mobilizar amplo interesse por parte de homens e mulheres, ou mesmo preservar um certo predomínio masculino.

“ordem de sexo/gênero”<sup>7</sup>. Me guiei pela idéia que isto seria fundamental para a configuração dos contextos de inserção das mulheres no mundo do esporte, do trabalho e da indústria do cavalo, onde certamente encontraria semelhanças e diferenças significativas.

Em notável contraste com a abundante literatura que descobri em língua inglesa ou francesa, nas minhas longas buscas por material que representava ou documentava a presença das mulheres nos mundos eqüestres, não encontrei nenhuma bibliografia que tratasse especificamente da empiricamente visível e vibrante participação das mulheres na cultura eqüestre espanhola. De fato, uma boa parte do material que encontrei na Espanha sobre cavalos e equitação eram traduções de literatura de outros países e línguas. Por outro lado, a literatura que tratava especificamente do cavalo espanhol parecia originar-se noutra momento, de menor visibilidade feminina, e refletia a associação tradicional entre a equitação espanhola e os *homens* espanhóis.<sup>8</sup> Por exemplo, um livro recente que resume a história dos cavalos e da arte/esporte eqüestre na cultura espanhola (MADDISON-GREENWELL e LAKE, 2007), escrito por um homem e uma mulher, ingleses que há muito tempo participam do meio eqüestre espanhol, não faz nenhuma referência histórica às mulheres, enquanto retrata a relação entre “homens e cavalos” em termos muito

---

<sup>7</sup> Os vigorosos movimentos da época da transição colocam questões políticas importantes, como a inicialmente surgida relativa à relação entre os grupos e partidos de esquerda e os movimentos de mulheres e o feminismo, ou sobre a trajetória do feminismo e suas conquistas em ambos países. Estes movimentos, que problematizaram e promoveram avanços no terreno das relações de gênero, parecem caracterizar a transição espanhola desde seu início e com dimensões culturais que não se manifestam tão cedo no caso brasileiro. No caso espanhol, sugere-se a importância do feminismo na Espanha no período anterior ao franquismo (cf. SARDA, 1988) que algumas brasas deixou para serem reavivadas em momento posterior. Por outro lado, na opinião de algumas estudiosas, o vigor do feminismo espanhol da época da transição é atenuado a partir dos anos 90 ((CRUZ e ZECCHI, 2004) sugerem uma “involução” da “revolução”) enquanto o feminismo no Brasil, que foi muito resistido mesmo em setores mais “progressistas” da sociedade como supostamente o seria o mundo intelectual e acadêmico (SCHMIDT, 2006) passa hoje por uma fase de maior visibilidade pública relacionada com uma nova fase de institucionalização. Esta institucionalização é a sua vez relacionada hoje com o ascenso do Partido dos Trabalhadores, com seus vínculos históricos com movimentos sociais que incluem o feminismo e organizações populares com contingentes ativas de mulheres e hoje abre-se para os movimentos surgidos em torno de questões de diversidade sexual. De qualquer maneira, estas “histórias dos feminismos”<sup>7</sup> e a forma em que influem – direta e/ou indiretamente – em concepções e ideologias sobre o gênero e sobre “o que pode/deve ser uma mulher” questões de impacto para a pesquisa comparada.

<sup>8</sup> Tive oportunidade de conversar sobre o tema com uma informante minha na Espanha, diretora do Centro de Documentação da Real Escuela Andaluza da Arte Ecuestre, quem afirmou ter chegado a conclusões parecidas, após vários meses de fuçar material bibliográfico e áudio-visual sobre o cavalo e a equitação espanhola. No Brasil, a situação não parece ser muito diferente. Até a data, conheço só um livro escrito no Brasil sobre a participação feminina no meio eqüestre (cf. Sant’ Ana, data.)

românticos, como um mundo construído na base de relações homosociais de conquista e aventura:

*Los herderos de los caballos, ganado, estilo y ganaderia españoles en América nunca perdieron esta afinidad con sus caballos. En realidad, los vaqueros, llaneros, gauchos, huasos y cowboys también heredaron la idea ecuestre española de que el cielo no sería complete si los caballos no estuviesen allí también... El caballo era un compañero, una forma de vida, una parte de la vida mucho más indispensable que las mujeres. (p.40)*

Porém, alguns subsídios para pensar sobre as mulheres espanholas no meio eqüestre vem de uma outra arena, próxima, onde comumente se evoca e representa a “cultura espanhola” – o mundo do toureio. Interessantemente, há uma longa história de presença feminina nas toureio, e várias pesquisadoras que a documentam (cf. FEINER, 2003; PINK, 1997) Muitas vezes, estas mulheres também são grandes amazonas que toureiam a cavalo, ou *rejoneadoras*. Sara Pink, antropóloga inglesa que pesquisou a inserção de mulheres no mundo taurino do sul da Espanha, notou que nas últimas décadas do século XX, como parte dos processos generalizados de transformação cultural que caracterizam o país, várias novas “maneiras de ser mulher” emergem em relação a formas mais diversificadas de participar na sociedade espanhola, pós-ditadura, corroendo antigas noções que pouco permitiam às mulheres além de inserção no toureio como “belas espectadoras” cujo charme acrescentaria graça e elegância ao evento social/ espetáculo.<sup>9</sup> Hoje em dia, ela argumenta, as mulheres podem encontrar um lugar confortável no mundo taurina, como criadoras de gado, veterinárias, como fotógrafas e jornalistas especializadas – mas ser toureira continua provocando controvérsia e polêmica. Por outro lado, ela nota que a resistência à participação das mulheres como toureiras é mais encoberta do que direta, se manifestando em fenômenos como a pouca disposição a investir no seu treinamento ou fornecer o apoio material, social e pessoal que precisam para cavar seu nicho neste reduto ainda muito masculino. Ela focaliza algumas discussões que surgiram na mídia espanhola nos anos 90 em torno da participação de algumas toureiras e baseando-se em grande parte nas opiniões dos seus informantes – na maior parte, residentes da Andaluzia, mas de gêneros, idades e posição sócio-econômica diferentes – para reconstruir um cenário cultural de relações e

---

<sup>9</sup> Isto coincide com o que se falava sobre espectadoras mulheres nas corridas de cavalo no Brasil no final do século XIX e até meados do século XX, quando o turfe ainda atraia um público grande ( from the 19th and a large part of the 20<sup>th</sup> century in Brazil (cf. ADELMAN e MORAES, 2008)

representações de gênero em transformação. No entanto, noções herdadas sobre “natureza”, corpos generificados e as fronteiras que separam os gêneros persistem. Ainda mais, as observações de Pink sobre a apropriação dos corpos femininos no performance taurino resultam pertinentes, não só para toureiras e rejoneadoras, mas para outros performances equestres e esportivos:

*... a woman's performance represents a statement about female body-use and body-image. The performance must be seen as a ritual statement about these notions of the female body through which it is relocated in a new position in society and culture -both physically in the bullring and metaphorically. The new body use symbolizes a new body-relationship to the rest of society by which the female body stands for not a reproducing body, but a publicly proven, physically fit body, and a successful, 'dominating' body. (p. 168)*

Pink comenta que muitos jovens – homens e mulheres – na Espanha atual poderia achar este tipo de corpo atraente, ou mesmo servir como um modelo de corpo ao qual aspirar (p. 169) Assim, ao mesmo tempo que ela aposta nas transformações culturais em curso, e como estas vem subvertendo antigos padrões opressivos e limitadores, levanta a questão da susceptibilidade das mudanças a novas formas de padronização e disciplinamento, produzidas no contexto de uma cultura “pós-moderna” de consumo de imagens – disseminadas de formas globais e poderosas como nunca antes.

Quanto ao meu campo, realizei pesquisa entre abril de 2009 e fevereiro de 2010, em Catalunha (Barcelona) e Andaluzia (Jerez da la Frontera). Inicialmente, trabalhei para identificar os principais espaços e modos de presença das mulheres no cenário equestre espanhol, em si tamanha tarefa para uma recém chegada ao país. Para começar, corria atrás das pequenas pistas que eu conseguia, indo até selarias e pequenas hípicas, conversando com quem se dispunha a falar comigo, vasculhando na Internet e procurando publicações equestres (aparentemente escassas, pelo menos quando comparadas com as francesas ou mesmo as brasileiras). Nos primeiros meses da minha estada em Barcelona, assisti uma competição de nível internacional no Real Pólo Club de Barcelona e uma feira equestre na mesma cidade (Equus Catalunya 2009), visitei vários centros equestres (“hípicas”), públicos e particulares, em ou próximas a Barcelona. Num lugar e outro, o que eu consegui perceber até então não parecia apresentar grandes diferenças em relação ao cenário brasileiro: a presença de mulheres e meninas no cotidiano das hípicas, nas escolas de equitação e talvez nas atividades equestres amadoras em geral, era majoritária. No concurso de salto que assisti em Barcelona, do mais alto nível, havia uma amazona

brilhante participando da equipe espanhola<sup>10</sup>, e na competição de “horseball” juvenil (menores de 14 anos) que assisti na feira em Barcelona – uma espécie de basquete a cavalo, as equipes incluíam meninas e meninos (aproximadamente 40% meninas), num jogo de ação muito rápida que exigia grande destreza ginástica e eqüestre.

Por sorte, graças à sugestão do professor orientador do meu estágio pós-doutoral, Dr. Ignasi Pons i Anton, consegui contatos no *Instituto Nacional de Educación Física* (INEF) em Barcelona, onde pude falar com várias mulheres engajadas em pesquisas sobre gênero e esporte. Fruto desta visita são duas entrevistas gravadas, uma com uma pesquisadora, Dr. Susana Soler, que relatou suas próprias experiências como adolescente que montava em corridas populares na comunidade catalana onde ela nasceu e foi criada, e outra com o Prof. Francesc Corbi, antigo professor do INEF professor e recém mudado para outra instituição. Este professor, que tem muitos anos de experiência supervisionando programas dedicados ao preparo físico de atletas eqüestres e pessoas que trabalham em diversas funções da indústria do cavalo, a sua vez me alertou para a existência de programas de capacitação para trabalho no ramo eqüestre implementados numa outra instituição pública da *Generalitat* (do Estado da Catalunha), a ECAE (Escuela de Capacitacion Agraria y Ecuestre de la Cataluña), onde também pude falar com o diretor técnico e cavaleiro, David Bonet. As três entrevistas focalizavam a participação feminina nos esportes e profissões eqüestres hoje, e todas me surpreenderam muito, pois eu pouco imaginava que haveria todo um contexto institucional informado por um compromisso formal, público e político, com a equidade de gênero.<sup>11</sup> Finalmente consegui marcar entrevistas com alguns participantes do mundo eqüestre, homens e mulheres. Ao redor de Barcelona, entrevistei a Kathya, 41 anos, imigrante latinoamericana que mora na Espanha

---

<sup>10</sup> De fato, tive a oportunidade de observar o desempenho impecável da amazona espanhola Pilar Cordon Muro durante a competição que colocou a equipe espanhola de salto tranquilamente dentro da Divisão A da FEI (Federação Eqüestre Internacional).

<sup>11</sup> Não é meu objetivo aqui fornecer uma discussão sobre políticas públicas de equidade de gênero no esporte e no ensino técnico relacionado ao ramo, por muito importante e interessante que seja. Para meus propósitos aqui, cabe apenas salientar que os profissionais – homens e mulheres – entrevistad@s neste contexto enfatizavam, uma e outra vez, a igualdade de competências dos gêneros no campo eqüestre. Quando se fazia referência a diferenças “anatômicas” – tanto na minha entrevista com o Dr. Corbi e, mais tarde na Andaluzia, com o campeão olímpico de adestramento e instrutor Rafael Soto – a ênfase foi sempre colocada sobre a técnica e o conhecimento, vistas como muito mais importantes, e igualmente distribuídos entre homens e mulheres – do que a “força muscular”. Por outro lado, quase sempre aparecia como elemento digno de reconhecimento, uma “maior sensibilidade” feminina em relação aos cavalos, significado como “vantagem feminina” (até, por vezes, como aquilo que poderia compensar qualquer “desvantagem” do tipo físico).

desde a infância, separada e mãe de um filho de 8 anos, trabalhadora do ramo equestre especializada em questões de saúde e trabalho com animais “difíceis” e Montsê, de 45 anos, casada e sem filhos, quem deixou sua profissão de professora para dedicar-se em tempo integral à profissão de treinadora de cavalos e cavaleir@s. As duas se narram como mulheres totalmente dedicadas a sua vocação eqüestre. Montsê, quem se caracteriza como alguém que desde pequena amou os cavalos, e que viveu sua vida, guiada por esta paixão, desafiando expectativas comuns (“*Y más en mi generación, las chicas se casaban y lo normal era tener hijos... Te casas, tienes hijos y parece como que es lo que...lo que te toca vivir,no?*”) também relata que sempre houve amazonas competidoras, particularmente como amadoras e de classe social alta. De fato, hoje em dia ela trabalha na ECAE, como instrutora no projeto de profissionalização do ramo eqüestre, e destaca como a maior mudança, a seu ver, é que as mulheres começam a aparecer mais em diversas funções no ramo. Coloca a questão da seguinte maneira:

*Pero em el mundo de la gente que se gana la vida com caballos, ha sido siempre mucho más de hombres, sabes? Antes, en las hípicas, pues a una mujer no la querian... en el tema del caballo, por ejemplo, los veterinarios también era así. Las mujeres veterinarias de caballos les ha costado meterse, porque a la gente no le gustaba que viniese una veterinaria a curar su caballo. La miraban mal... ‘uh, una chica’ Ahora ya hay muchas.*

Kathya, a sua vez- e talvez de uma forma um tanto idealizada - é taxativa na sua afirmação de que as mulheres do meio eqüestre “*son más independientes que otras, siempre ponen los caballos como lo más importante en su vida*” abrindo mão talvez não dos amigos ou de filhos, mas sim, do marido e de todas as demandas relacionadas à preservação de um casamento.

Também nos ao redores de Barcelona, tive uma conversa com José, cavaleiro de longa data e treinador, hoje dono do seu próprio centro eqüestre, e falei também com Elena, uma jovem que junto com sua irmã, ensina e gerencia o centro eqüestre que é propriedade do seu pai. Na nossa breve conversa sobre a posição das mulheres no cenário equestre atual na Espanha, ela me disse, num tom de seriedade, “*Esta hípica podría ser llamada una hípica feminista. Todo lo que se hace aquí es hecho por mujeres!!*”

Finalmente, fui aceita, com muita abertura e generosidade, pelos funcionários da Real Escuela del Arte Eqüestre na cidade de Jerez de la Frontera, na Andaluzia, onde consegui realizar trabalho de observação e entrevista durante quatro dias, no mês de janeiro de 2010.

Inclusive, empreendi a viagem porque enquanto estava em Barcelona, ouvia constantemente a sugestão de que “o lugar para ir” – o “verdadeiro centro da cultura eqüestre espanhola” – era lá, nessa cidade da província de Cádiz. De tal maneira que, pouco antes de voltar ao Brasil, passei quatro dias nessa instituição (de 11/01-14/01/2010), definida de maneira sucinta na sua próprio literatura como

Instituto docente donde, además de enseñar la técnica de la equitación, el respeto por los animales y la selección de caballos de Pura Raza Española, se conserva un importante patrimonio histórico a la vez que se fomenta los diversos oficios que permite mantener viva nuestra cultura ecuestre. ...”  
“nuestro símbolo más internacional, los caballos andaluces”<sup>12</sup> (Altamirano, p.28 )

A boa acolhida que recebi na Real Escuela, de parte de pessoas que deram generosamente do seu tempo e me acederam acesso livre a espaço de trabalho e todo o material documental e bibliográfico da sua biblioteca, me permitiu fazer uma espécie de “pequena etnografia” do lugar. Deambulava livremente por seus espaços durante várias “manhãs” (um recorte temporal um pouco diferente do nosso!)<sup>13</sup> e curti a oportunidade de conversar informalmente, assim como realizar algumas entrevistas gravadas, com uma gama de pessoas, incluindo cavaleiras, instrutor, veterinário e funcionári@s da instituições.

O cavalo – e o cavalo de “Pura Raça Espanhola” em particular – é constantemente reiterado como grande símbolo da cultura andaluza, na literatura que tem como público alvo os turistas e visitantes à região. De fato, se apresenta a criação e montaria de cavalos como "*uno de los rasgos culturales de Andalucía*". Assim, percebemos que as artes eqüestres têm uma longa e fundamental presença na história da Espanha, iniciando por seu papel no mundo do trabalho e no guerrear para deslocar-se, posteriormente, aos espaços do lazer, prazer e ‘cultura’ (no sentido moderno de esfera autônoma e espaço onde se

---

<sup>12</sup> A Escuela foi fundada como instituição privada em 1973 (“Escuela Andaluza de Equitación”) por Alvaro Domecq, quem logo iniciou negociações para a obtenção de apoio do Ministerio de Información y Turismo “El 27 de abril de 1982, por acuerdo con la Diputación Provincial de Cádiz, se creó el Patronato de la Escuela Andaluza del Arte Equestre como Fundación Cultural. Su finalidad era prestar a la provincia de Cádiz los servicios de fomento y protección de la ganadería caballar, de sus industrias derivadas y la difusión del arte ecuestre. A partir de ese momento la Diputación gaditana aceptó el reto de su gestión, decisión que hizo factible la continuidad del proyecto de la Escuela por el apoyo económico y el respaldo político que suponía. La Junta de Andalucía se integraría en el Patronato años más tarde por acuerdo del Consejo de Gobierno de 17 de abril de 1990”. (p. 282) Nos anos 80, a ideia de tornar a Escuela numa “una auténtica universidad de jinetes”(p.288) já existia, “...su fin didáctico conseguirá que el carácter del caballero pudiera ser alcanzado por todo el pueblo, deshaciendo así la imagen de exclusividad que el mundo del caballo llevaba adosada.” (idem). A partir de 2002 converteu-se em—“fundación pública de carácter turístico, educativo y cultural, cuyo Protectorado corresponde a la Consejería de Cultura de la Junta de Andalucía”.(p.308)

constroem e afirmam identidades). Questões de status social que fazem parte deste cenário também são muito relevantes aqui, pois como minhas pesquisas vêm afirmando, as relações de gênero precisam ser percebidas na sua intersecção com as de todas as outras formas de estratificação social.<sup>14</sup>

Nas minhas conversas iniciais com Javi, funcionário que trabalha guiando visitas à Escuela, assim como as frutíferas conversas com Serena, encarregada do centro de documentação da instituição, meus interlocutores identificaram imediatamente os elementos generificados da história deste mundo da alta cultura eqüestre espanhola. Ambos enfatizaram sua natureza historicamente masculinista (“machista”, nas palavras que eles empregaram), assinalando que a presença das mulheres nele seria uma presença muito nova. Serena me comentou que, ao revisar os arquivos e material audiovisual da Escuela desde que se fundou, em 1973)\*, não encontrou mulheres representadas a não ser no sentido de enfeite e exemplo da “beleza espanhola” sentada na garupa do cavalo, atrás o homem e segurando nele (o que foi fácil de verificar na hora que eu mesma folheava os livros e materiais do Centro, constatando sempre imagens de “*jinetes a caballo y mujeres a la grupa*”). Mas tanto Javi, Serena e outras pessoas com as quais eu conversava significavam com extremamente positivas a nova presença das mulheres no meio – quase sempre representado no contexto de uma mudança mais global da sociedade espanhola, e não poucas vezes, a partir de um referente no qual a Catalunha era apontada como “mais avançada” neste sentido.

Minhas atividades na REAAE incluíram visitas aos dois museus que a Escuela mantém, feitos com a colaboração de um museólogo de Madrid e com pleno uso das últimas tecnologias de multi-mídia, o Museu del Arte Ecuestre (história da relação dos seres

---

<sup>13</sup> O período de trabalho da “manhã” inicia-se entre as 7:00 e 8:00 horas e continua até as 14:00 ou 15:00 horas. Os que trabalham com os cavalos iniciam mais cedo enquanto os que realizam trabalho administrativo iniciam e terminam mais tarde.

<sup>14</sup> “... Con la finalización del periodo musulmán en la península ibérica y las grandes guerras europeas, a partir del siglo XVI la nobleza española comenzó a sufrir un proceso de conversión. De este modo la nobleza guerrera de la edad media, fue transformando su modo de vida haciéndose palaciega en el renacimiento...” Los médicos recomendaban práctica de actividades físicas, entre estas la más importante, montar a caballo” Altamirano, p.26 Assim, vemos que historicamente, na Espanha como noutros lugares, as atividade eqüestres do mundo moderno têm vínculo histórico com o trabalho rural, atividades militares e posteriormente, com a vida das elites (e por vezes, comunidades populares), na forma de esporte e lazer, evoluindo na seqüência para formas de lazer e esporte que abrangem camadas medias urbanas e outras. As dinâmicas de gênero no mundo eqüestre levam, nesta história, determinadas marcas de classe.



humanos com o cavalo) e o Museo del Enganche (da Carruagem). Lá tive a muito agradável surpresa de descobrir, em cada museu, exposições interativas onde as visitas podem “dialogar” sobre o mundo do cavalo ou do “enganche” com um “expert” em figura de cera – em ambos casos, uma amazona! Passei várias horas observando sessões de treinamento dos alunos “jinetes” da escola – na turma atual, de 4 alunos e 3 alunas. Observei todos receberem instrução cuidadosa na arte da “doma clássica” dos seus instrutores, que incluíam uma mulher. Me foram facilitadas uma série de entrevistas, com pessoas em diversas funções, das quais destaco aqui as três que fiz com mulheres que são ou foram integrantes ativas do mundo do cavalo espanhol.

A primeira foi com Angeles, 45 anos, atual diretora do Museo del Enganche. Além de me fornecer uma visita guiada ao Museo e pelas dependências da escola de enganche que faz parte das atividades da instituição, Angeles me falou largamente sobre sua própria trajetória no mundo do enganche. No relato detalhado de como surgiu seu engajamento no mundo do cavalo, revelou seu pai tinha sido “cocheiro” empregado ao longo da vida por uma família importante da cidade, e ela, desde pequena, apaixonada por cavalo, “grudava” no pai. A família – os pais, duas filhas e um filho - morava na parte de cima da residência da família, assim que ela cresceu muito perto dos animais e do ofício do seu pai:

*Somos tres hermanos ... pero a la que más le gustaba era a mí, yo era el perrito faldero que siempre estaba por ahí, ensuciándose, manchándose y pues muchas veces me cobraba, me cobraba por parte de mi madre que no quería que me fuese para abajo [às cocheiras] y también por mi padre que me mandaba para arriba; pero la afición te puede, entonces yo siempre estaba al lado del porque me gustaba, yo sabía que nunca iba poder dedicar a ello, impensable en aquel momento que yo fuese entrar a trabajar en una casa con un señor, para dedicarme completamente a esto porque no, ya te he dicho que esto estaba cercado exclusivamente para hombres...*

Na verdade, foi quando seu pai passou de cocheiro pessoal de uma família para trabalhar com espetáculos de carruagens na Escuela que abriu-se a brecha para Angeles se profissionalizar no ramo, ajudando na doma de cavalos, nos próprios espetáculos e no trabalho com os alunos da escola (na parte de condução de carruagens). Os temas que destacou ao longo da nossa conversa ressoam com questões para as quais outras mulheres do mundo do cavalo, no Brasil e na Espanha, vinham me alertando: as dificuldades que existem, nos níveis pessoais e institucionais, para as mulheres se inserirem em meios

“homossociais”<sup>15</sup> e como por vezes, o apoio familiar pode ser o fator crítico, de tal maneira que a transmissão do saber e a abertura de portas, de pai para filha, emerge como caminho recorrente. Mas, no novo meio aberto pela Escuela, que profissionaliza pessoas que vão trabalhar nesta atividade que hoje em dia diz principalmente respeito à preservação do patrimônio cultural ( já que não se usa mais a carruagem e os coches como meio de transporte ) outras mulheres têm tido chance de ingressar à área. No momento da nossa entrevista, Angeles assinalou que a atual turma de alunos tinha 5 homens e 3 mulheres. Contudo, ela acredita que as mulheres “correm maior risco” de terminar o curso e não conseguir emprego no ramo do que os homens. Ela se mostra muito crítica em relação aquilo que ela identificou como uma cultura andaluza “*muy machista*” e muito preocupada com a criação de condições para a igualdade de gênero, reiterando que ela “teve uma sorte” insólita, ao se casar e ter filhos com um homem que sempre lhe deu apoio na carreira, entendia as exigências particulares do tipo de trabalho que ela tinha e “dividia todas as responsabilidades domésticas” com ela. Foi exatamente a resistência “da maior parte dos homens” a este compartilhar de responsabilidades familiares e domésticas que ela identificou, enfaticamente, como um dos grandes obstáculos ao avanço das mulheres casadas no mundo eqüestre assim como em qualquer ramo profissional.

Em seguida, tive uma fascinante conversa com Maricarmen, 44 anos, secretária da “divisão técnica” da Escuela, uma função, ela explicava, que envolvia conhecimentos técnicos sobre o trabalho eqüestre e não meramente administrativos. Ela relatou, também com muitos detalhes, que ela tinha sido aluna do curso de equitação clássica, anos atrás, numa época que ainda não se admitia regularmente a mulheres como alunas. Ela também toca em temas já levantadas por outras entrevistadas minhas, enfatizando particularmente as dificuldades que ela teve porque era de uma família de classe trabalhadora na qual não havia nenhum vínculo com o cavalo. Na época da sua escola secundária, enquanto seguia uma formação técnica na área de turismo, descobriu sua paixão pela equitação e começou a montar, numa outra escola municipal. (*“Hace unos años que yo montaba pero no tenia, mis padres no me pagaban las clases por que no podian, yo limpiaba los caballos y a cambio*

---

<sup>15</sup> Noutro lugar (Adelman e Moraes, 2008), empregamos este conceito (sugerido no trabalho pioneiro de Sedgwick (1985) para falar o formato homossocial da vida pública moderna), para referir-se às relações entre homens no espaço do turfe brasileiro e refletir sobre como tendem a excluir ou dificultar a plena entrada de mulheres ao meio.

*pues montaba*”) Ela se retrata como uma jovem tenaz que durante uns anos foi atrás do seu sonho, num momento em que era muito mais difícil ser aceita como amazona no meio da Alta Escola Eqüestre. Ela mencionou o nome de uma espanhola que teria passado pela Escuela nos anos 70 e uma outra, francesa, que também passou pela instituição, quem segundo ela, cansou, porque à diferença dos colegas homens, se esperava dela a participação em tarefas administrativas. Isto também aconteceu com ela; entrando na Escuela como aluna de 1989 até o final de 1991, ela estava envolvida numa dinâmica particular onde ela sentia que lhes devia gratidão às pessoas que lhe haviam aberto certas portas na Escuela e devia lhes ajudar cumprindo com seus pedidos de assistência; conta asi que *“yo estaba más tiempo atrás de la máquina de escribir que con los breeches y botas puestas montando a caballo”*; até que finalmente lhe foi oferecida uma vaga como funcionária da parte administrativa. Durante alguns anos ela relata que ainda chegava cedo para poder montar, até finalmente, especialmente com a vinda do filho (que ela teve como mãe solteira assumida ) se afastou da equitação. Saúda como muito positiva a presença atual de uma mulher, Belén, uma jovem nascida no meio do cavalo espanhol, que conseguiu profissionalizar e ficar no plantel permanente de “jinetes” da Escuela:

*Muy jovencita, ella comenzou muy jovencita em la Escuela, pero ella poquito a poco se ha ido buscando, y muy trabajadora, una niña que sabe lo que quiere, muy trabajadora, que monta muy bien a caballo... a ella le ha costado, ha tenido entre comillas la suerte de entrar como alumna, pero lo demostró, abrobó su bolsa, ahora tiene su plaze, la chiquilloa ha ido, poquito a poco, empezó desde abajo, ella si tiene cultura equestre en su casa, porque su padre era muy buen jinete, ha domado caballos, ella si desde pequeña si lo ha tenido en su casa.*

Finalmente, tive oportunidade de falar com três jovens, a Belén, a amazona e instrutora acima mencionada, e Raquel e Mariana, alunas atuais da Escuela. Numa entrevista não muito longa com as duas alunas, elas me afirmaram que pretendiam se profissionalizar e manter dentro do campo eqüestre, uma delas com planos de voltar para sua terra natal e trabalhar lá no centro eqüestre da sua família; a outra, de família sem conexões ao mundo eqüestre, se mostrava mais incerta às possibilidades que teria, no futuro, a não ser, como sua amiga e colega brincava, ir trabalhar com ela. *“No te creas, aqui dentro todavía hay mucho machismo”*, me comentou Raquel, baixando a voz mesmo que não houvesse ninguém por perto durante nossa conversa na biblioteca da Escuela. As duas relataram que tinham sido bem aceitas pelos seus colegas de turma, mas ainda encontravam resistência à

plena aceitação por parte de alguns dos homens “de mentalidade antiga” dentro da instituição.

Belén, na época da nossa entrevista, estava com 28 anos. Como primeira “jineta de la plantilla” da REAAE, ela tem um ar de modéstia e relata sua história como algo que foi se desdobrando de maneira espontânea e sem grandes conflitos, produto, ela sugere, do fato que ela provém de uma família vinculada à equitação e, no caso do seu pai hoje, à indústria do cavalo espanhol. Por outro lado, senti que ela me falava, muito genuinamente, do ponto de vista de uma “nova geração” de mulheres espanholas para as quais a vida se centra muito na realização profissional e interesses próprios, um tanto distantes de preocupações com família e casamento, pelo menos no sentido em que as mesmas apareciam para mulheres de uma geração anterior. Ela foi enfática ao afirmar que neste sentido, ela não se via como diferente de seus pares, outras jovens da Andaluzia não envolvidas especificamente no mundo dos cavalos. Da sua narrativa emerge uma espécie de “discurso da possibilidade”, muito afirmativa quanto às oportunidades e competências das mulheres no campo. Quanto ao sonhos e planos que ela tem para o futuro, ela disse que algum dia gostaria de chegar ao adestramento olímpico. E não haveria porque duvidar da grande probabilidade dela chegar lá.

### ***Conclusões***

Nos trabalhos que venho realizando, há quinze anos, de pesquisa sobre relações de gênero e participação feminina em diversos meios eqüestres, venho dando destaque a duas questões teórico-empíricas fundamentais. Uma – cuja importância é sugerida por várias décadas de pesquisa, encabeçada principalmente por escritoras e pesquisadoras de países anglófonos, sobre as mulheres nos esportes – diz respeito à construção de *culturas esportivas femininas*, e seu papel no empoderamento das mulheres. É um olhar que focaliza as dimensões coletivas ou associativas da atividade *das mulheres* num mundo inicialmente construído como reduto da homosociabilidade, e que neste sentido traz por definição um elemento de transgressão<sup>16</sup>. A sua vez, e na medida em que constrói

---

<sup>16</sup> Embora não somente isto! Ha, como discuto noutros textos, também novas possibilidade de reafirmar o corpo como “objeto de consumo” ou objeto do mais convencional “olhar masculinista”, assim como sujeitar o

oportunidades singulares para as mulheres apreenderem, desenvolverem e curtirem outras corporalidades/subjetividades, vincula-se à segunda questão que me preocupa, ou seja, como perceber e entender as experiências e trajetórias particulares de mulheres através das práticas esportivas.

Embora ainda “novata” na minha compreensão da sociedade e cultura espanholas, creio que a pesquisa aqui exposta me permite esboçar algumas observações comparativas, que revelam tanto especificidades culturais quanto fortes elementos comuns que podem ser encontrados nas experiências de amazonas brasileiras e espanholas, relativas a ambas questões que assinalei acima. As semelhanças prevalecem, quanto à questão geral da feminização do mundo eqüestre, e o que se sugere, a partir de aí, desse espaço como lugar que estimula a construção de culturas esportivas de grande participação e certa “auto-determinação”, femininas, mesmo em contextos onde a prática cotidiana do esporte não o segrega por sexos.

No sentido de uma construção de subjetividades/corporalidades que se afastam de normas históricas convencionais de “feminilidade”, também prevalece a semelhança. Todas, ou quase todas, em algum sentido incorporam o que Ussher chama de estratégias de “*resisting girl*”, pois o envolvimento com os cavalos e o mundo eqüestre por definição implica em trabalho físico, competência em lidar com grandes animais e a coragem que isto exige, uma coragem historicamente representada como masculina. Como muitas das minhas entrevistadas ao longo dos anos de pesquisa têm enfatizado, haveria uma pelo menos relativa incompatibilidade entre estas práticas e o cultivo de uma imagem/corporalidade feminina “convencional” – pelo menos, enquanto esta última prioriza o cultivo da “imagem” por cima da “ação” (como aventura e desafio) e as primeiras, a destreza, o performance, o “sujar-se” e pôr a relação com o animal acima de uma “self-consciousness” corporal centrada na aparência. Evidentemente, nisto há considerável variedade, e a certa hora, “cada caso é um caso” – ou seja, há amazonas que demonstram preocupação com a cobrança social de uma feminilidade normativa e outras que se encontram muito à distância desta posição. Entre as espanholas, contudo, nenhuma das minhas entrevistadas manifestou preocupação neste sentido.

---

corpo da atleta a rígidos regimes de disciplinamento, frustrações pessoais, exigências de alto rendimento, etc. (cf. Goellner, 2004; Adelman, 2006; 2003)

Por outro lado, entre as diferenças mais instigantes que encontrei, me parecia que o envolvimento das brasileiras num campo que apresenta desafios à convencionalidade era colocada, no caso das brasileiras, mais em termos de “caminho/escolha individual” – e por vezes, solitária<sup>17</sup> - e no caso das espanholas, mais com um sentido de pertencer a processos históricos e supra-individuais.<sup>18</sup> Descobri a existência de algumas estratégias discursivas diferentes entre as brasileiras e as espanholas, particularmente as espanholas mais novas: enquanto as primeiras (e isto, talvez por coincidência, incluiria a Kathya, a mulher latinoamericana que entrevistei na Catalunha) tendiam a representar-se em termos de um claro distanciamento ou desafio de um padrão ainda “hegemônico” na cultura de origem, a fala das espanholas geralmente ia no sentido de “fazer parte” (‘ser apenas mais uma’) de um mundo social e cultura em plena transformação.” Contudo, tratam-se de diferenças de nuance, que também podem ser compreendidas à luz de outro fato que destaco: na Espanha, há um “discurso oficial” (quer dizer, abraçado e reproduzido pelo Estado) forte sobre a igualdade de gênero (fazendo parte da re-democratização do país quase desde seus inícios), vinculado a práticas de inclusão institucionalizadas, que parecem afetar direta e positivamente as oportunidades que as amazonas e outras profissionais do mundo equino encontram para se inserir em nestes campos historicamente construídos como masculinos. Homens com os quais falei pareciam muito conscientes disto, manifesto por exemplo nas falas do diretor do ECAE e do professor de educação física com os quais eu falei assim como nas posições tomadas por alguns homens na REAAE. As espanholas que foram minhas informantes se remetiam constantemente às mudanças institucionais e culturais que faziam parte da história atual do seu país, usando um léxico muito politizado, e se demonstrando muito críticas às falhas institucionais assim como ao ‘machismo’ cultural e aos homens que resistem às mudanças. Em contraste, as brasileiras rara vez usavam uma linguagem forte de crítica social, embora por vezes elaborassem algo como uma crítica cultural mais difusa, que poucas vezes identificava focos de conflito (pessoas ou

---

<sup>17</sup> Particularmente no caso das jockeys, e menos no caso das laçadoras do rodeio, que se sentem participantes de uma cultura compartilhada com pessoas de ambos gêneros.

<sup>18</sup> Na Espanha, parece que o desafio as construções normativas da feminilidade vem sendo forte, desde o final dos anos 70 até os anos 90, principalmente. Afrouxaram-se certos constrangimentos culturais e se permitiu em maior ou menor grau a multiplicação de estilos e discursos, fenômenos vinculados à influência dos movimentos sociais de gênero/sexualidade, ganhos em termos de novas políticas públicas e em decorrência de tudo isso, a maior presença de mulheres em certas posições no mercado de trabalho que no Brasil continuam sendo quase exclusivamente masculinos, por exemplo, como condutoras de ônibus, metrô e trem.

instituições concretas). A possibilidade de interlocução com o Estado ou expectativas de tomada de posição ou políticas de equidade era totalmente ausente das suas falas, indicando que não percebem o Estado como ator nestes processos, e portanto, não articulam críticas ou cobranças dirigidas a ele.

De fato, como pesquisadora fiquei impressionada pelo grau de politização prevalecente na Espanha em torno de questões de equidade de gênero e a resposta da maior parte de minhas entrevistadas espanholas no sentido de sentir-se parte de espaços coletivos onde as questões de gênero estavam na ordem do dia. Hoje, após mais de um ano de nova pesquisa no Brasil, no meio dos rodeios gaúchos, volto a pensar no assunto. No Brasil, o que sucede no meio eqüestre parece “apenas questão” de mercados e indivíduos privados, talvez da própria indústria (nada desprezível) do cavalo e seus vínculos com o agrobusiness, ou, na sua expressão mais coletiva, como assunto de um movimento que ainda se nomeia como “tradicionalista”. Talvez seja hora de pensar – e agir -de outra maneira; de incentivar, através do público, a inserção de mulheres e meninas, de camadas sociais diferentes, urbanas e rurais, para que haja uma participação cada vez maior e cada vez mais “democrática” neste mundo, como atletas, amadoras e profissionais, onde podem também contribuir para uma cultura onde há realmente espaço para uma pluralidade de “maneiras de ser mulher” (e homem), livres de normas que durante vários séculos de cultura moderna constroem as mulheres ao *impor* o feminino como “estética da limitação”.

## **Bibliografia:**

ADELMAN, Miriam. “Women who ride: constructing identities and corporalities in equestrian sports in Brazil.” Grenier-Torres (sous la dir.) *L'identité genrée au cœur des transformations : du corps sexué au corps genré*, ed. L'Harmattan, Col. Logiques sociales, Paris, 2010

ADELMAN, Miriam e MORAES, Fernanda Azeredo. Tomando as rédeas: um estudo etnográfico da participação feminina e das relações de gênero no turfe brasileiro. **Esporte e Sociedade**, ano 3, n. 9, Jul. 2008/Out. 2008 b. Disponível em: < <http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es903.pdf>>.

ADELMAN, M. e MORAES, F.A. (2008) “Breaking their way in: Women Jockeys at the Racetrack in Brazil”. In: SEGAL, Marcia and DEMOS, Vasiliki. *Advanced Studies in Gender Research*. No. 12 Bingley (UK) Emerald

ADELMAN, M. ; RUGGI, Lennita (2008) . The Beautiful and the Abject: Gender, Identity and Constructions of the Body in Contemporary Brazil. *Current Sociology*, v. 56, p. 555-586, 2008.

ADELMAN, M. . Gênero e espaço: pesquisando masculinidades e feminilidades no Jockey Club do Paraná. In: ANPOCS, 2007, Caxambu. Papers apresentados no 31 Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu : ANPOCS, 2007. v. 0. p. 1-22.

ADELMAN, Miriam (2006) “Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades”. *Revista Movimento*. Porto Alegre

ADELMAN, Miriam. (2004) “O Desafio das Amazonas: a construção da identidade de mulheres como atletas e amazonas do hipismo clássico (salto) brasileiro”. In: SIMÕES, Antônio Carlos e KNIJNIK, Jorge Dorfman (orgs.). *O Mundo Psicossocial da Mulher no Esporte*. São Paulo: Aleph, 2004, p.277-303

ADELMAN, Miriam. (2003) “Mulheres Atletas: Re-significações da Corporalidade Feminina?” *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC. Vol. 11, no. 2, pp. 445-265.

ALTAMIRANO, Juan Carlos (2007) REAL ESCUELA ANDALUZA DEL ARTE ECUESTRE. Publicación de la Fundación. Jerez de la Frontera:REAAE

ALVAREZ, Sonia. (1990) *Engendering Democracy in Brazil: women's movements in transition politics*. Princeton: Princeton University Press.

BIRRELL, Susan e MC DONALD, Mary. (2000) *Reading Sport: Critical Essays on Power and Representation*. Boston: Northeastern University Press.

BORDO, Susan. (1994) “Feminism, postmodernism, and gender skepticism” In: Nicholson, Linda J., org. *Feminism/postmodernism: Thinking gender*. New York: Routledge. Pp. 133-156.

BORDO, Susan. (1997) *Twilight Zones: the Hidden Life of Cultural Images from Plato to OJ*. Berkeley: University of California Press.

BORDO, Susan. (2001) “El feminismo, la cultura occidental y el cuerpo”. *Revista La Ventana*. Guadalajara.

BURKE, Jackie C. (1997) *Equal to the Challenge: Pioneering Women of Horse Sports*. New York: Howell Book House.

BUTLER, Judith. (1990) *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York/London: Routledge.

CAHN, Susan K. ( 1994 ) *Coming on Strong: Gender and Sexuality in Twentieth Century Women's Sport*. New York: The Free Press.

CRUZ, Jacqueline e Zecchi, Barbara. Orgs. (2004) *La Mujer en la España Actual: evolución o involución?* Barcelona: Icaria Editorial.

FESTLE, Mary Jo. (1996) *Playing Nice: Politics and Apologies in Women's Sports*. New York: Columbia University Press.

FOLGUERA, Pilar. (1988) *El Feminismo en España: Dos Siglos de Historia*. Madrid: Fundación Pablo Iglesias.



GOELLNER, Silvana. (2004) "Mulher e Esporte no Brasil: Fragmento de uma História Generificada". Em: Simões e Knijik pp. 359-374

GREIFF, Mats. "Presumably I am Like a Mother to the Horses I Tend: Gender Relations Within Harness Racing in Sweden, 1930-2005". In: McCONVILLE, Chris (org.) *A Global Racecourse: Work, culture and horse sports*. Australian Society for Sports Studies (ASSHStudies) No. 23, Melbourne, 2008, p.49-64

HARGREAVES, Jennifer. (1994) *Sporting Females: Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sport*. New York/London: Routledge

HEDENBORG, Susanna. "Trainers of Racehorses in Twentieth Century Sweden: Small businesses and gender". In: McCONVILLE, Chris (org.) *A Global Racecourse: Work, culture and horse sports*. Australian Society for Sports Studies (ASSHStudies) No. 23, Melbourne, 2008, p.65-86.

FEINER, Muriel. (2003) *Women and the Bullring*. Gainesville: University Press of Florida.

KRONE, Julie e RICHARDSON, Nancy Ann. (1995) *Riding for My Life*. Boston/New York/Toronto/London: Little, Brown and Company.

LAGIER, Rosine. *La femme et le cheva: des siècles d'histoire*. Janzé: Éditions Charles Hérissey, 2009.

LE COMPTE, Mary Lou. (1993) *Cowgirls of the Rodeo: Pioneer Professional Athletes*. Urbana/Chicago: Illinois University Press.

MADDISON-GREENWELL, Peter and LAKE, Jane. (2007) *Vida y Trabajo con el Caballo Español y el Lusitano*. Madrid: Tutor.

MIDKIFF, Mary (2001) *She Flies Without Wings: How Horses Touch a Woman's Soul*. New York: Delta/Dell.

MIRA, Alberto. (2004) *De Sodoma a Chueca: uma História Cultural de la Homosexualidade en España en el Siglo XX*. Barcelona/Madrid: Editora Egales.

NASH, Mary. (1995) *Defying Male Civilization: Women in the Spanish Civil War*. Denver: Arden Press Inc.

NUÑEZ PUENTE, Sonia. (2008) *Reescribir la Femeidad: la Mujer e el Discurso Cultural em la España Contemporanea*. Madrid: Editorial Pliegos.

PINK, Sarah. (1997) *Women and Bullfighting: Gender, Sex and the Consumption of Tradition*. Oxford/New York: Berg.

SARDÁ, Amparo Moreno. (1988) "La réplica de las mujeres al franquismo". In: FOLGUERA, Pilar. (1988) *El Feminismo en España: Dos Siglos de Historia*. Madrid: Fundación Pablo Iglesias. Pp. 85-109

SCHMIDT, Rita. Schmidt, Rita Terezinha. (2006) *Refutações ao feminismo: (des) compassos da cultura letrada brasileira*. Florianópolis:REF. 14(3) 765-799

SEGAL, Lynne. (1999) *Why feminism? Gender, psychology, politics*. New York: Columbia University Press.

SEDGWICK, Eve K. *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire*. New York: Columbia University Press. (Gender and Culture Series)

VILANOVA, Anna e SOLER, Susanna. (2008) "Las mujeres, el deporte y los espacios públicos: ausencias y protagonismos". *Apunts Educación Física y Deportes*. Barcelona: INEFC